

## Entrevista – Antonio Brand

Cristina Ramos da Silva Ribeiro<sup>1</sup>

Oswaldo Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v19i38.626>

*Não é o fato de existir uma lei favorável que vai garantir o acesso a esses benefícios, mas é a luta política. E os povos indígenas e os Terena, em particular, têm muita clareza sobre isso, de que o futuro deles, fora da margem, não na margem, está na afirmação da sua identidade étnica, e, lógico, isso não quer dizer nada, em nenhum momento isso quer dizer isolamento ou negação, digamos assim da tecnologia e tudo mais.*

*Antônio Brand*

### **SOBRE ANTÔNIO BRAND**



---

<sup>1</sup> Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Matro Grosso do Sul. Brasil.

O Professor Antônio Jacó Brand nasceu em Dom Diogo, atual município de São José do Sul, RS, no dia 13 de janeiro de 1949, filho de Aloísio Brand e Clementina Schommer. A família de Brand era grande, com doze irmãos. Em meados do Século XIX, vieram da Alemanha, para Petrópolis, RJ.

Antônio foi para o seminário aos doze anos de idade, e saiu quando foi convidado a trabalhar com a questão indígena, na Operação Anchieta (OPAN). Brand concluiu a graduação de História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISSINOS), em 1977, na cidade de São Leopoldo, RS, e se mudou para Dourados, MS, em 1978, onde fundou o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em Mato Grosso do Sul. Em 1983, mudou-se para Brasília ao ser eleito Secretário Nacional do CIMI, onde exerceu a função por oito anos.

Após esse tempo voltou com sua família para São Leopoldo, retomando os estudos e concluindo seu mestrado em 1993 e o Doutorado em 1998, na PUC de Porto Alegre, RS. Em 1996 passou a fazer parte do grupo de docentes da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande, MS, onde também iniciou seu trabalho no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI), e ainda foi convidado a participar de um grupo a favor dos Guarani da América do Sul.

Em 2005 Antônio coordenou o Rede de Saberes, um projeto que auxilia a permanência dos acadêmicos indígenas no ensino superior, e mais tarde, em 2012, iniciou o projeto Equidade, que auxiliava os acadêmicos na pós-graduação. O projeto encerrou em 2014. No dia 03/07/2012 Brand faleceu no Rio Grande do Sul.

## **A ENTREVISTA**

Nos meses de agosto e setembro de 2010, acadêmicos e professores do Curso de Jornalismo da UCDB produziram conteúdos sonoros para trinta e seis radio-documentários, com duração de 10 minutos cada, denominados “Índio Urbano”. O projeto radiofônico foi um dos vencedores do prêmio Roquette-Pinto, promovido pela Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB), que teve apoio do Ministério da Cultura e patrocínio da Petrobrás. O historiador e pesquisador Antônio Brand foi um dos entrevistados e participou com seus depoimentos em grande parte dos programas produzidos. Abaixo, a transcrição da entrevista

completa, e inédita, concedida à equipe de produção. Na conversa, o pesquisador comenta o tema principal da produção radiofônica, aborda vários aspectos da população indígena Terena que vive em ambiente urbano na Aldeia Marçal de Souza em Campo Grande, MS, a figura da mulher indígena, lembra das primeiras defesas de dissertações de mestrado realizadas em aldeias, e relata parte de sua trajetória de pesquisa. A entrevista, de quase uma década, apresenta uma atualidade bastante relevante com relação às questões indígenas no estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil.

**Equipe de produção:** O senhor pode se apresentar?

**Brand:** Então... eu sou... minha formação acadêmica é toda na área de História. Fiz graduação, mestrado e doutorado em História, com ênfase na História Latino Americana, e fiz as minhas pesquisas, de mestrado e doutorado, sobre a história recente dos Guarani aqui no Mato Grosso do Sul. Eu comecei a trabalhar com os Guarani em 78, quando acabava de concluir a universidade, a licenciatura, né, em História, e então eu vim trabalhar com os Guarani. Por isso então, também eu fiz a minha pós-graduação relacionada a este povo.

**Equipe de produção:** Com relação a este nosso documentário, nós temos essa nomenclatura, índio urbano. Eu queria saber, do senhor, qual é a posição de um pesquisador em relação a isso.

**Brand:** Veja, acho que essa denominação, de urbano, índios urbanos, de toda maneira é muito melhor que a anterior, que considerava, que fazia uma contraposição entre os índios aldeados, que seriam os índios que viviam nas aldeias, e os índios desaldeados, que seriam os índios urbanos, né? Essa nomenclatura hoje está totalmente superada e hoje tem se efetivamente falado mais em índios urbanos, ou índios localizados em espaços urbanos. Enfim, salvo alguma denominação melhor, eu penso que é a mais adequada. Talvez, índios localizados em espaços urbanos. Porque essa é uma discussão grande, né. O fato deles estarem residindo em espaços urbanos não necessariamente quer dizer que eles se transformem em índios urbanos, né? Porque isso, de alguma forma, poderia deixar subentender que o viver na cidade traria como consequência um certo abandono, digamos assim, do modo de vida indígena, o que seguramente não seria, não é verdade.

**Equipe de produção:** Então, como acontece essa mescla de culturas? Por que, enquanto cidade, nós temos um tipo de criação e eles, enquanto cultura indígena, outra. Como vai acontecer essa fusão?

**Brand:** Tem várias considerações que se pode fazer aqui. Primeiro, nenhuma cultura é estática. Todas as culturas são absolutamente dinâmicas. E é próprio do processo cultural haver trocas, negociações, um conceito que se usa muito. Quer dizer, uma cultura aprende da outra, incorpora práticas da outra. Porém, tudo isso sempre vem acompanhado por um processo de ressignificação. Isto quer dizer o quê? Por mais que uma determinada cultura incorpore práticas de uma outra cultura, o significado que essas práticas incorporadas adquirem sempre será próprio, ou será diferente. Então, nesse sentido o que nós verificamos hoje, concretamente, no caso dos índios que residem em espaços urbanos, né? Que eles mantêm o seu modo de vida, que no entanto vai mudando. Então, se você for visitar a Aldeia Marçal de Souza, que é a primeira aldeia aqui, considerada como aldeia urbana, é lógico, se você observar os aspectos externos você vai ver lá um bairro como qualquer outro, né? As casas todas enfileiradas, talvez o diferencial seja aquele espaço no meio, um tipo de centro que tem lá, que é digamos assim diferente de um outro bairro nesse sentido. Indica, tem uma característica mais indígena. No mais é um bairro como qualquer outro. No entanto, se você for, e isso acho que é muito interessante, investigar, como esse espaço é ocupado pelos Terena, se vai aí, com certeza, perceber com muita clareza como é a presença da outra organização social Terena. Então, o que que acontece, as casas estão lá, uma ao lado da outra, mais a forma de ocupar essas casas, quem vai morar perto de quem e tudo mais, você vai ver a persistência, digamos assim, do modo de vida Terena. Então, nesse sentido esse é um processo muito interessante. Você vê índios que moram há muitos anos, já em espaços urbanos e consideram-se plenamente índios, e são efetivamente índios. E no caso concreto nosso aqui, mantêm uma forte interrelação com os índios da aldeia. Então, por isso esse recorte índios urbanos e índios aldeados, ele não é um bom recorte. Você tem índios morando nos espaços das aldeias e outros morando em espaços urbanos, mas há uma intensa circulação entre ambos e nesse sentido é o modo de vida Terena que se produz e reproduz, tanto aqui como acolá, nos espaços dentro das aldeias.

**Equipe de produção:** Então existe a aldeia urbana Marçal de Souza e lá dentro existe várias aldeias, alguma coisa assim?

**Brand:** A Aldeia Urbana são aldeias menores. O que tem lá, certamente, são muitas famílias, aí não estou me referindo a famílias nucleares, mas a famílias extensas, parentes. Então, que se aglutinam dentro do mesmo espaço, terá aí várias parentelas. Assim como acontece nas aldeias mesmo, nos espaços considerados como aldeias, no interior, fora das cidades. Onde também você tem, no mesmo espaço, vários grupos, várias parentelas, e tem entre si relações de toda a ordem. De trocas, de casamentos, de disputas, enfim.

**Equipe de produção:** Então, como que funciona organização hierárquica deles hoje. Eu sei que eles têm uma organização mais cultural, com relação a religião e tem outra um pouco mais socioeconômica. Eles têm vários líderes, né?

**Brand:** Isso faz tempo que tem, né? Como na nossa sociedade alguns que cuidam mais de aspectos religiosos e outros organizam mais a economia. No entanto, eu creio que fundamentalmente obedecem a mesma lógica. Então eu diria, tem os líderes que são esses chefes de famílias maiores que às vezes são líderes numa igreja, muitas vezes evangélica, mas também são líderes políticos e muitas vezes, hoje menos, mas entre os Terena já teve muitos deles que eram vereadores, né? Esses setores, eles não são separados, né? Como acontece na nossa sociedade. Muitas vezes o grupo político que toma conta da administração municipal é bem diferente, por exemplo, do grupo que controla a igreja na nossa sociedade. Nas sociedades indígenas normalmente não acontece isso. São, de certa forma, campos especializados, mas obedecem a mesma lógica de lideranças. O que tem ainda, talvez hoje, estão começando a se fortalecer mais entre os Terena são, a gente poderia chamar, de certa forma, os ligados ao xamanismo, a práticas mais religiosas, rituais, que eram figuras historicamente muito importantes mas que foram perdendo o prestígio historicamente, muitas vezes em decorrência da ação das igrejas. E hoje considerando o processo que está o povo terena, temos mais globais, mais abrangentes que é um processo de uma certa retomada, de uma certa afirmação da cultura Terena, isso em todos os aspectos, na cidade como nas aldeias. Então essas figuras que dominavam, digamos assim, de uma forma especial, as relações com o sobrenatural, os rituais, a cura de doenças, essas figuras hoje tendem a recuperar o seu prestígio de novo reconhecido. Esse é um

processo que ocorre nas aldeias e da mesma forma nos espaços urbanos. Um aspecto muito interessante que eu creio que vale a pena atentar é a questão da língua. O Terena, alguns anos atrás em muitas aldeias, os adultos procuravam inibir as crianças e evitar que elas falassem Terena. Porque, entendiam eles, que o terena atrapalhava a inserção deles no entorno regional. O Terena, a fala Terena, a língua Terena, seria o fator que trazia sobre eles o maior preconceito da sociedade envolvente. Isso hoje em dia está mudando de uma forma muito interessante. Então, hoje você tem muitas aldeias, inclusive aqui no espaço urbano uma busca, por exemplo, de valorização da língua Terena. Eu fui procurado há umas duas semanas por um senhor aqui de uma dessas aldeias urbanas, preocupado em discutir, conseguir, digamos assim, aqui na Aldeia Urbana, acho que era a Marçal de Souza, uma educação diferenciada, uma educação na qual a cultura indígena, a língua Terena tivesse um espaço privilegiado. Isso é muito interessante. Nas aldeias nós verificamos a mesma coisa. Então isso mostra, que do lado dos Terena, isso em termos mais abrangentes, mais gerais, há uma clara compreensão de que, se a língua há alguns anos atrás era um estorvo à inserção deles na nossa sociedade, hoje a língua passa a ser percebida como um fator importante na afirmação da sua identidade étnica. E lógico então, que começam a perceber que a afirmação da sua identidade como Terena é um elemento importante na relação com o entorno regional. Essa é uma questão importante que vem desde a constituição de 88. Até 1988 todas as constituições do Brasil, todo o arcabouço jurídico no Brasil previa a integração dos índios na nossa sociedade. Ou seja, previa o fim próximo dos índios enquanto povos etnicamente diferenciados. E por isso também nos textos constitucionais se previa atribuir ao Estado o papel importante no sentido de legislar para que essa integração se efetuassem. Isso mudou radicalmente no novo texto da Constituição Federal, onde não se prevê mais a integração, mas ao contrário se atribui ao Estado o dever de garantir o direito à diferença. Ou seja, reconhece aos povos indígenas o direito a manter a sua língua, seu modo de vida, sua organização social. E isso passa a ser um fator importante na disputa por direitos. Na luta por direitos. Inclusive o direito à terra. Então hoje, o direito à terra, o direito ao Ensino Superior, cotas e tudo, isso passa por essa questão da afirmação étnica. E esse é o processo que também nós estamos verificando hoje aqui nas aldeias urbanas. E é um processo, penso, muito interessante.

**Equipe de produção:** Essa relação da terra. Por exemplo. Os Terena têm uma cultura agrícola e a terra que foi destinada a eles hoje é suficiente para a subsistência?

**Brand:** Não, no Mato Grosso do Sul o grande problema é a questão da terra. Só tem um povo que tem o mínimo de terra necessária, talvez dois, para sua vida que são os Kadiwéu, que têm uma área relativamente grande, no Pantanal. Grande em termos, quer dizer assim, uma terra suficiente nesse momento e também acho que os Guató, na Ilha, no interior do Pantanal têm uma área razoável. Os Terena e os Guarani Kaiowa, as terras que ocupam são absolutamente insuficientes. Inclusive grande parte da presença deles aqui nas cidades se deve a este problema, total falta de condições em seus locais de origem. E nessa falta de condições é lógico não entra só a questão da terra. A questão da terra é um elemento básico para um povo agricultor. Um povo agricultor sem terra não é viável. Quer dizer, não há como fazer agricultura sem terra. Mas lógico, esse não é o único problema, é o problema mais grave. Há também outros aspectos especialmente ligados à educação, à saúde e tudo mais. Então, grande parte deste contingente que hoje está nas cidades, nos espaços urbanos, veio em busca de melhores condições de vida. E lógico, muitos aí, certamente vivem frustrados porque sabemos todos que hoje o mercado de trabalho está em redução...

**Equipe de produção:** ...que exige qualificação...

**Brand:** ...qualificação, que eles não têm. Então, hoje tem muita gente em subempregos ou desempregados. Mas, na origem desse movimento para vir para esses espaços urbanos nessa região, seguramente estava a questão de busca de melhores condições de vida, inclusive que porque as terras hoje estão fracas ou são demasiado pequenas.

**Equipe de produção:** E sobre essa questão de não conseguir inserir o índio no mercado de trabalho da nossa sociedade. Não conseguir manter a atividade tipicamente deles acaba gerando outros problemas, no caso a violência entre os indígenas é uma coisa que é sempre discutida.

**Brand:** É, você vê que no fundo esses povos acabam ficando à margem. Também nas cidades. E isso eu acho que é bem grave. Porque ele acaba sendo localizado nas periferias das nossas cidades. Então esse fator se faz presente, digamos nessa mudança de estratégia do Terena. A percepção dele que esse esforço de

integração que ele fez durante longos anos, na verdade levou ele cada vez mais para a margem da nossa sociedade. Ou seja, o projeto, a possibilidade que a nossa sociedade apresenta a esses índios na perspectiva da integração, é a integração à margem. É como subempregado, enfim, com certeza o Terena tem consciência disso. E talvez, por isso mesmo seja um dos fatores que eu já falei, que o leve hoje a buscar, a definir uma outra estratégia em que ele não busca mais abrir mão da sua identidade étnica, mas afirma-la cada vez mais. E nesse sentido, aliando-se a estes outros povos indígenas na luta por direitos que estão claramente definidos em lei, mas que todos nós sabemos que no Brasil uma lei só sai do papel na medida em que há forças políticas capazes de pressionar o cumprimento daquela lei. Não é o fato de existir uma lei favorável que vai garantir o acesso a esses benefícios, mas é a luta política. E os povos indígenas e os Terena em particular, tem muita clareza sobre isso, de que o futuro deles, fora da margem, não na margem está na afirmação da sua identidade étnica, e lógico, isso não quer dizer nada, em nenhum momento isso quer dizer isolamento ou negação, digamos assim da tecnologia e tudo mais. Hoje as comunidades indígenas estão buscando eu diria, com muita clareza, acesso às tecnologias nossas, de comunicação. Como, por exemplo, domínio da informática e tudo isso. Mas, como índios.

**Equipe de produção:** Estão aconteceram esses dois processos. Primeiro quando fundiram as duas culturas, de perder um pouco da identidade e agora essa luta política está fazendo com que eles tentem retomar.

**Brand:** Não é que eles perderam. Eles procuravam, nesse esforço de se integrar na nossa sociedade, deixar de lado aquela sua identidade Terena. Mas que continuou presente, tanto assim que hoje eles estão retomando com muita força a sua identidade.

**Equipe de produção:** E a cultura, as artes que eles praticam em cerâmicas, são importantes nesse processo?

**Brand:** É o mesmo processo. Muitas foram, digamos assim, perdidas, perdidas não, é mas assim como muitos hoje não falam mais Terena, porque nesse processo todo deixaram de falar, as crianças não aprenderam mais e hoje estão sendo obrigados a aprender na escola, até em outros campos de seu a mesma coisa. Então, certamente muitas mulheres Terena talvez não saibam mais todas as técnicas



de fabricação da cerâmica, por exemplo, mas com certeza há um número significativo que ainda domina toda essa tecnologia, digamos esse conhecimento. Eu creio que nós, nesse momento, verificamos um processo extremamente interessante e que acontece tanto aqui nos espaços urbanos quanto nas aldeias como Miranda, Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti, outros espaços. Que é exatamente esse crescimento da consciência de que a afirmação da identidade constituísse um movimento importante na luta pelos direitos que estão explicitados nas leis e daí a vontade de retomar, reaprender língua, reaprender e retomar práticas de fabricação de artesanatos e outras coisas mais. Nós, aqui na UCDB, sexta-feira vamos ter, eu acho que é a primeira vez que se faz isso, talvez no Brasil, nós vamos ter duas defesas de conclusões de mestrado em aldeia. São dois, um senhor e uma senhora, professores da aldeia de Cachoeirinha que concluíram seus mestrados em Educação e a defesa vamos fazer na aldeia. A banca toda vai para a aldeia e vai ser um ato aberto pra toda a aldeia. As lideranças, os professores, pais, todo mundo convidado. E vamos fazer, realmente, um ato de defesa que eles vão apresentar o resultado da pesquisa deles na Aldeia. E um destes trabalhos é exatamente sobre a língua materna, o terena, no processo de ensino e aprendizagem infantil. Então isso é uma coisa muito interessante. Isto são indicativos, digamos assim, de um processo de afirmação étnica que eu considero extremamente significativo.

**Equipe de produção:** Nessa questão de ter uma escola direcionada às crianças da aldeia, toda aldeia é necessária. Por que se colocasse uma criança da aldeia em uma escola seria mais difícil deles manterem a cultura?

**Brand:** Eu diria, talvez muitos não vão concordar comigo, não seria necessária uma escola específica indígena, se as nossas escolas não indígenas fossem mais abertas, fossem mais tolerantes, fossem mais interculturais. O que eu quero dizer com isso: se as nossas escolas, as nossas crianças, os nossos professores fossem capacitados e tivessem essa visão de que nós somos, um país, um estado, profundamente multicultural. E isso fosse uma marca do processo escolar, eu creio que não precisaríamos ter escolas só indígenas. Talvez em algum momento sim por causa da língua materna, que é diferente. O grande problema é que nossa educação é profundamente monocultural. Então, nesse sentido, a criança indígena não tem espaço algum no seu modo de vida. E esse é um processo extremamente violento de dominação cultural que persiste na maior parte das nossas escolas.

Nesse sentido ainda avançamos muito pouco. Nesse contexto é absolutamente fundamental, são fundamentais as escolas indígenas. Como eu falei, é lógico, aí tem um dado que a gente não pode esquecer, especialmente no ensino fundamental, que em muitas aldeias, ele é feito, principalmente nos primeiros anos na língua indígena, o que é muito importante, toda a alfabetização da criança é feita na língua por professores índios e tudo mais. Esse é um dado, importante, que a criança aprende muito mais facilmente, se alfabetiza muito mais facilmente na sua língua. E depois aprende o Português, lógico. Todas eles hoje, sentem absoluta necessidade de dominarem bem o Português. O problema não é ou a língua indígena ou o Português, mas são as duas línguas. A maior parte dos povos indígenas do Brasil hoje são plurilíngues para não dizer multilíngues. Porque muitas vezes falam outras línguas indígenas. Então, nesse contexto, voltando à escola indígena, é realmente uma questão fundamental. E nesse sentido acho que avançamos bastante. Hoje nós temos no Mato Grosso do Sul, um quadro bastante importante de professores índios que estão se capacitando cada vez mais e há programas de capacitação de formação de professores índios. Então, nesse sentido, acho que estamos num processo interessante.

**Equipe de produção:** E os acadêmicos indígenas que chegam aqui, eles procuram que áreas?

**Brand:** Olha, isso varia bastante. O número maior ainda é na área das Licenciaturas. Eles são normalmente pessoas que estão envolvidas no trabalho escolar, professores, enfim. Mas vem crescendo muito o número de acadêmicos que buscam outros cursos como Direito, Enfermagem, Agronomia, Administração e outros. Aí já tem uma outra compreensão que é muito importante, que é a percepção das comunidades indígenas no sentido de que eles percebem que é absolutamente fundamental eles terem os seus quadros formados nessas áreas. Nós mesmos aqui na UCDB, temos em torno de 50 acadêmicos índios. O ano passado, eu acho que se formaram um ou dois em Direito, tem outras áreas e isso é muito interessante. Eles vão tendo os seus quadros formados para atender as demandas de suas comunidades. Esse é um processo relativamente novo, digamos assim. Essa busca é mais antiga no sentido de termos índios nas universidades, isso já vem ocorrendo há bastante tempo. O que é novo hoje, ao meu ver, é o fato de que muitas dessas demandas vem das comunidades. Antes eram demandas

mais individuais. Meu filho eu quero que faça um curso superior para achar um emprego fora. E hoje muitas comunidades mandam seus filhos, seus alunos para as Universidades porque querem ter quadros formados. Então é uma outra visão frente a esta questão do Ensino Superior.

**Equipe de produção:** O senhor falou em enfermagem. Como funciona a assistência em termos de saúde dentro das aldeias?

**Brand:** Aí agora está mudando. Mas agora quem é responsável pela assistência da saúde nas aldeias é a FUNASA e agora o governo acaba de criar uma secretaria especial ligada ao Ministério da Saúde, então não sei o que vai mudar aí na prática. Mas concretamente há uma estrutura bastante grande, especialmente aqui em Mato Grosso do Sul de atendimento à saúde indígena. Eu diria bastante grande.

**Equipe de produção:** E qual o papel das mulheres dentro das Aldeias, como funciona?

**Brand:** Aí tem várias questões, uma primeira, eu creio que nós durante muito tempo projetamos sobre os povos indígenas, digamos assim, a nossa percepção dessa relação homem e mulher. Então, chegando nessas comunidades, a gente percebia de um lado, que a mulher efetivamente ela tem o seu lugar, que sob o nosso olhar, que vem muito marcado pela visão ocidental da relação homem e mulher parecia então, um lugar secundário, também. Quando se vai para uma aldeia, quem normalmente fala nas reuniões e aparentemente toma as decisões são os homens. E essa percepção nos levou normalmente a conclusões apresadas quanto ao papel da mulher nas aldeias. Hoje nós percebemos já, que a mulher indígena, cada povo tem a sua especificidade, mas em geral, as mulheres indígenas sempre tiveram um papel muito importante, digamos assim, na respectiva sociedade indígena. Inclusive não é de hoje o fato de termos mulheres liderando comunidades. Talvez nos últimos anos tenhamos tido menos porque as lideranças mais conhecidas nossas, muitas vezes eram lideranças resultado muito mais das nossas projeções sobre a comunidade, das nossas demandas, do que propriamente uma decisão autônoma das comunidades. Explicando melhor, quando o Serviço de Proteção aos Índios, por exemplo, entrou em 1928 na região sul do Estado entre os Guarani, ele demarcou o que nós chamamos essas tais das

reservas indígenas. E criou para administrar essas reservas a figura do capitão, que era uma figura que não existia. Como também não existia reserva, no sentido reserva enquanto espaço onde eram obrigados a conviver vários grupos macro familiares juntos. Aí criou essa figura do capitão. Quem eram esses capitães até muito pouco tempo atrás? Eram as figuras que melhor falassem o português, as mais próximas de nós, tanto assim que até a década de oitenta eram nomeadas pela Funai. Então, neste sentido, para nós o chefe é homem. Então, eu acho que voltando a sua pergunta do papel da mulher, das mulheres nas aldeias, eu diria que nós temos um olhar muito enviesado frente a esses problemas, que vem da nossa visão do problema. Segundo, numa pesquisa um pouco mais detalhada, nós constatamos que a mulher sempre tem um papel muito importante. Nas comunidades ocupou um papel absolutamente relevante. E hoje, dentro desse processo de maior autonomia interna que as comunidades estão recuperando, o que nós percebemos é que, exatamente as mulheres, vão se manifestando de novo com mais força. Na história nós temos vários períodos em que as mulheres assumiram papel de liderança importantíssima. Então é um processo, eu considero extremamente interessante, eu conheço aqui o fato da Aldeia Urbana, mas não é único, nós temos hoje várias aldeias com as mulheres desempenhando um papel fundamental. Sabemos hoje, na sociedade Kadiwéu, a mulher tem um papel interno. Entre os Terena, a mulher que vem aqui para Campo Grande, toda a questão da economia, no mercado, as negociações, são as mulheres que fazem. Tem um dado interessante no que se refere aos acadêmicos índios. Nós estamos acompanhando há algum tempo os dados sobre o ingresso de índios nas universidades. Até o ano passado (2010) tinha um número um pouco maior de homens. Atualmente acho que já são mais numerosas as mulheres índias que estão nas universidades. Isso não só como professores, mas em várias áreas. Isso mostra o absoluto protagonismo da mulher indígena. Eu creio que neste ponto, nós temos que, voltando ao problema inicial, apurar o nosso olhar.

**Equipe de produção:** Nós temos uma dúvida da nomenclatura da Aldeia Urbana, ela é a primeira do Brasil ou só de Mato Grosso do Sul?

**Brand:** Eu creio que a primeira vez que se fala em aldeia urbana. Nós temos em Manaus, verdadeiros bairros indígenas em vários lugares. São Paulo tem verdadeiras aldeias de migrantes índios do Nordeste. Aqui que se criou, pelo que eu sei,

essa nomenclatura de aldeia urbana. Lógico, aí, tem todos os projetos políticos. Cada governante tem a sua aldeia urbana, enfim. Então dá pra dizer é a primeira denominada, assim aldeia urbana isso, acho que é daqui mesmo. Nunca tinha ouvido falar em outros lugares, antes disso em aldeias urbanas. Inclusive não ouço falar em outras regiões, de aldeias urbanas. Eu acho que é importante, primeiro, procurar não caracterizar o índio em espaços urbanos como o cara que tá perdendo a cultura, que tá menos índio porque isso não é verdade. E depois, eu acho que muito, né, discutir o conceito que nós podíamos chamar de territorialização ou reterritorialização, dar destaque a enorme capacidade que esses povos mostram de territorializar espaços. O que quer dizer territorializar espaços, é ocupar os espaços a partir das suas lógicas. E nesse sentido buscando trazer à luz, dar visibilidade a esses processos, digamos assim, de apossamento dos espaços a partir da lógica organizativa deles, que eu acho que é a grande coisa que nós verificamos aqui nas aldeias urbanas, nos espaços urbanos. E não vai ser muito diferente o que nós verificamos nas aldeias no interior, inclusive porque a circulação entre os índios que estão aqui nos espaços urbanos e os índios que estão nas aldeias é enorme. A comunicação. Muitos que moram aqui acompanham todas as festas das suas aldeias. Então, eu acho que é muito importante, aquela coisa que eu falei bem no início, tinham uma visão assim bastante segmentada de que o índio na cidade já não é mais bem índio, ele já tá perdendo. Não, isso hoje, nada nos permite afirmar isso. Agora, ao contrário, nós estamos percebendo um movimento que é igual o que verificamos em outras aldeias, forte, eu acho que crescente, de afirmação étnica, de valorização da língua, da cultura, mesmo estando em espaços urbanos. É isso.

### **Sobre os autores:**

**Cristina Ramos da Silva Ribeiro:** Indígena Terena. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Especialista em Teorias e Práticas do Jornalismo Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp), e mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS. **E-mail:** cristinaramos@globo.com

**Oswaldo Ribeiro da Silva:** Doutor em Educação pela UFMS. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Jornalismo e especialista em Imagem e Som pela UFMS. Bolsista PNPd (Programa Nacional de

Pós-Doutorado/CAPES-UFMS-2017-2019) e Docente da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). **E-mail:**oswaldoribeiro@globo.com

Recebido em: 20 de dezembro de 2018

Aprovado em: 20 de março de 2019